



## II EVENTO INTEGRADO – PROCIEMA Educação, Ciências e Extensão: Transformando Vidas

### **Racismo Ambiental: possibilidades e potencial da divulgação científica**

Raina Graziela Reis<sup>1</sup>, Narane Vale Erdes<sup>2</sup>, Naiane das Neves Andrade<sup>3</sup>, Gabriele Marisco<sup>4</sup>, Francine Novais Souza<sup>5</sup>

#### **RESUMO**

A divulgação científica é uma ferramenta importante de informação. O meio digital e as redes sociais são aliados na democratização de conteúdos. Assim, o objetivo do estudo foi relatar o uso das redes sociais, especialmente o *Instagram* do projeto "Popularizando a Ciência", como instrumento de popularização e divulgação científica em relação ao racismo ambiental no Brasil. Os resultados demonstram um ótimo alcance das publicações, que foi além dos seguidores da página. Percebe-se que possivelmente o público está interessado por temas sociais e utilizando as mídias sociais como ferramenta de informação, o que por sua vez, chama atenção quanto a importância da divulgação científica em redes e fontes confiáveis e de embasamento científico.

**Palavras-chave** Degradação ambiental. Minorias. Desigualdade social. Divulgação científica.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil<sup>1</sup>. E-mail: [raina\\_santos@outlook.com](mailto:raina_santos@outlook.com)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil<sup>1</sup>. E-mail: [02210218@uesb.edu.br](mailto:02210218@uesb.edu.br)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil<sup>1</sup>. E-mail: [gabrielemarisco@uesb.edu.br](mailto:gabrielemarisco@uesb.edu.br)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil<sup>1</sup>. E-mail: [francine.souza@uesb.edu.br](mailto:francine.souza@uesb.edu.br)

Centro Universitário de Excelência, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: [naianeneves5@gmail.com](mailto:naianeneves5@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O “racismo ambiental” é uma forma de discriminação que ocorre quando comunidades minoritárias e vulneráveis são desproporcionalmente afetadas por políticas ambientais ineficientes (Herculano, 2008). O conceito surgiu nos debates sobre justiça ambiental nos Estados Unidos entre as décadas de 1970 e 1980, como uma resposta às reivindicações do movimento negro e do movimento por justiça ambiental, decorrente das lutas pelos direitos civis (Herculano, 2017).

No Brasil, a relação entre a justiça ambiental e a justiça social começou a ganhar visibilidade no final do século XX. A Constituição Federal de 1988 já dava importância a essa questão em seu artigo 225, que garante a todos os cidadãos o direito a um meio ambiente saudável (Brasil, 2024). Mas, foi apenas em 1998, que membros do Movimento de Justiça Ambiental visitaram o país com o objetivo de compartilhar experiências e formar alianças para combater a "exportação da injustiça ambiental" (Almeida, 2015).

Embora o conceito de racismo ambiental esteja ganhando atenção, muitos ainda confundem a questão com aspectos mais gerais das políticas ambientais e alguns ainda encaram como somente desigualdade de classe, sem reconhecer a profundidade das desigualdades raciais e socioeconômicas envolvidas (Pacheco, Faustino, 2013). Diante disso, objetivou-se relatar o uso das redes sociais, especialmente o *Instagram* do projeto "Popularizando a Ciência", como instrumento de popularização e divulgação científica em relação ao racismo ambiental no Brasil. Entende-se que as plataformas digitais são meios eficazes para compartilhar informações e promover um acesso mais amplo em relação ao tema em questão e assim, uma excelente ferramenta de divulgação e extensão.

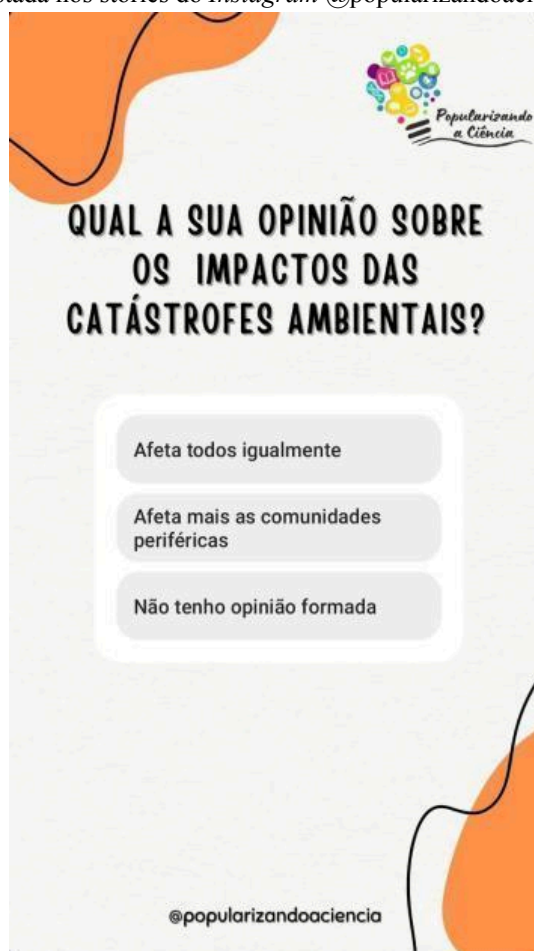
## METODOLOGIA

Trata-se de um relato descritivo a partir de duas publicações (*stories* e *feed*) do perfil da rede social *Instagram* (@popularizandoaciencia), do projeto de extensão “Popularizando a Ciência”, vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* Vitória da Conquista. No mês de maio de 2024, o projeto trabalhou com o tema

central “Biodiversidade e os impactos ambientais”. Quatro abordagens foram trabalhadas semanalmente durante o mês: mudanças climáticas; biodiversidade e desequilíbrio; invasão de habitats e suas consequências; racismo ambiental. O “Racismo ambiental” foi o tema selecionado em decorrência de ser o de maior retorno do público.

O atual relato utilizou de uma análise do alcance e das respostas obtidas na enquete dos *stories* e no alcance e interações na postagem do *feed*. A primeira postagem foi uma enquete interativa nos *stories* buscando entender a opinião do público sobre os impactos das catástrofes ambientais. A enquete continha três alternativas: Afeta todos igualmente; Afeta mais as comunidades periféricas; Não tenho opinião formada (Figura 1). Nenhuma alternativa era considerada certa ou errada, permitindo ao público manifestar livremente sua compreensão do tema.

**Figura 1:** Enquete postada nos stories do *Instagram* @popularizandoociencia em maio de 2024.



**Fonte:** *Instagram* do Popularizando a Ciência.

A postagem do *Feed*, definiu, explicou o tema e apontou as comunidades que são mais afetadas pelas catástrofes ambientais a curto e a longo prazo (Figura 2). A postagem em questão, diferente da enquete, já continha informações e características informativas ao público, inclusive com recomendação de referencial sugestivo à leitura.

Figura 2: Publicação do *feed* sobre Racismo Ambiental no *Instagram* do @popularizandoaencia.



Fonte: Instagram do Popularizando a Ciência.

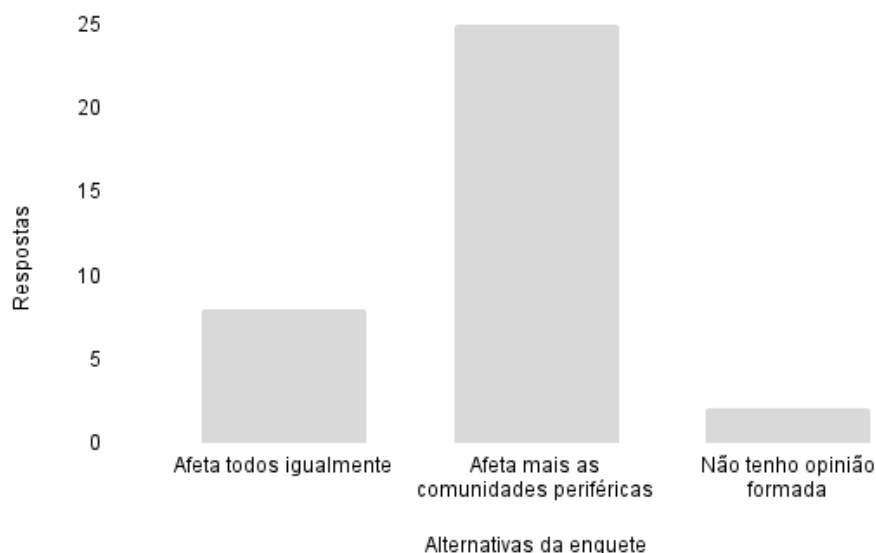
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos a partir da análise da métrica da enquete mostram um alcance de 113 contas, com 35 respostas na enquete. Destaca-se o resultado da alternativa B que foi a alternativa que mais alinhou-se à opinião do público participante (Figura 3).

Este resultado evidencia a consciência do público que interagiu com a enquete e que indicou em suas respostas a relação das pessoas periféricas como as mais afetadas pelos desastres naturais. É importante ressaltar que os desastres ambientais podem afetar a

todas as comunidades, mas em longo prazo as comunidades periféricas demoram muito mais no processo de recuperação. Além disso, podem sofrer outros tipos de desastres que não afetam a população mais privilegiada, pois possuem pouco acesso a recursos e infraestruturas. Uma questão, por exemplo, é a falta de saneamento básico que afeta a saúde e a qualidade de vida das comunidades periféricas e carentes. Essas condições incluem a falta de água, esgoto a céu aberto, moradias em encostas sujeitas a deslizamentos em momentos de fortes chuvas, enchentes alagamentos, lixões a céu aberto, poluição dos recursos hídricos e conseqüentemente doenças de veiculação hídrica, dentre outros (Jesus, 2020).

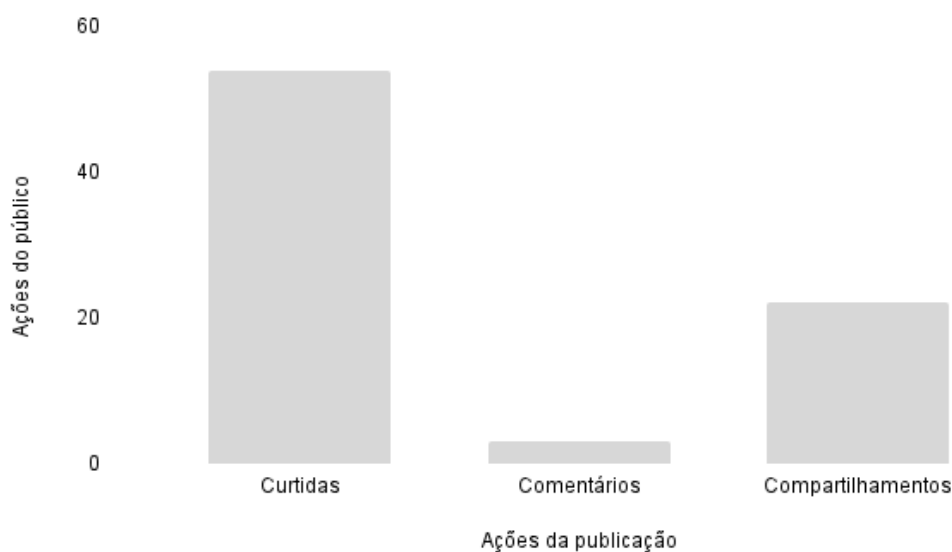
**Figura 3:** Resultado da enquete postada no *Instagram* do Popularizando a Ciência em maio de 2024.



**Fonte:** Autoral.

Por sua vez, os dados obtidos a partir da análise da métrica da publicação do *feed* mostram um alcance de 2.514 contas. Das contas alcançadas 89,8% foram de não seguidores do @popularizandoaciencia (Figura 4). Este dado revela ainda a rede social como multiplicadora de informação ao alcançar o público não diretamente vinculado ao perfil do projeto.

**Figura 4:** Engajamento da publicação no *Instagram* do Popularizando a Ciência em maio de 2024.



Fonte: Autoral.

O perfil do *Instagram* conta com muitos seguidores que não fazem parte do meio acadêmico, o que pode demonstrar que o conhecimento científico pode sim ultrapassar as barreiras da academia. O caminho trilhado pelo projeto de extensão aqui abordado é válido como ferramenta ao levar os assuntos mais diversos e de relevância social para um público mais abrangente. O fato das informações nas redes sociais serem de fácil compartilhamento favorece a metodologia utilizada e assim possibilita atingir o objetivo de alcance de um público de seguidores e não seguidores do perfil.

Os dados das publicações analisadas mostraram que o racismo ambiental capturou a atenção e engajou um público amplo, evidenciando a importância de conteúdos como este que abordem justiça ambiental e social. A enquete e a postagem no *feed* geraram interações substanciais, com a maioria das respostas alinhando-se à percepção de que desastres ambientais afetam desproporcionalmente as comunidades periféricas.

Os danos ambientais estão profundamente interligados com a história da humanidade na Terra. Desde os tempos mais remotos, a busca incessante do homem pela exploração e acumulação de riquezas tem como resultado a poluição e a devastação do meio ambiente, destruindo o habitat em que vivemos. Atualmente, a sociedade mantém este comportamento e o ser humano ainda se coloca à parte do meio ambiente, percebendo-o unicamente como recurso (Pott e Estrela, 2017).

Os danos ambientais representam toda a manipulação dos aspectos naturais, culturais e artificiais do nosso entorno e suas consequências estão diretamente associadas com as relações de classes, etnias e minorias (CEE, Fiocruz, 2023; Schonardie, 2016). Faz-se necessário assim, que as ações coletivas relacionadas ao tema sejam também abordadas considerando os meios digitais como “formadores de opinião” e consequentemente de ações mais conscientes, desde que as informações compartilhadas sejam de cunho científico e de embasamento científico.

Desta forma, evidencia-se que plataformas de fácil acesso como o *Instagram* é sim uma ferramenta importante para a divulgação científica e a popularização do conhecimento, a partir de uma linguagem acessível. O uso das redes sociais para divulgar o conhecimento gerado pela produção científica reduz a distância entre a pesquisa e quem a consome, facilitando o acesso e o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e também com o público de forma geral. A democratização do conhecimento técnico-científico rompe barreiras, tornando-se atualmente uma fonte ágil para a disseminação de conteúdo científico (Navas *et al*, 2020). Além disso, ao criar e compartilhar conteúdos informativos, envolventes e de fácil compreensão, pode-se auxiliar na formação da consciência sócio-ambiental e assim, favorecer o engajamento do público em geral, bem como dos formuladores de políticas, em relação a tomadas de decisões e ações de enfrentamento às injustiças aos mais vulneráveis.

## CONCLUSÃO

A divulgação científica é vital para ampliar o acesso ao conhecimento, especialmente quando ultrapassa os limites do meio acadêmico e utiliza os meios digitais e as redes sociais. O estudo mostrou que o *Instagram* do projeto “Popularizando a Ciência” foi eficaz na promoção do tema racismo ambiental, alcançando significativamente um público muito maior do que o número de seguidores da página. O engajamento elevado e o interesse do público podem indicar uma crescente busca por temas sociais nas mídias sociais.

O impacto positivo deste trabalho evidencia a importância de iniciativas que busquem utilizar as plataformas digitais para disseminar conhecimento técnico-científico. A capacidade das redes sociais de reduzir a distância entre a pesquisa

acadêmica e o público geral é crucial para promover um diálogo mais amplo e inclusivo sobre questões sociais e ambientais. Assim, projetos de extensão como o "Popularizando a Ciência" desempenham um papel fundamental na divulgação científica para todos, com uma linguagem acessível e temas relevantes, contribuindo para debates críticos em prol da justiça ambiental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Daniela dos Santos; PIRES, Thula; TOTTI, Virgínia. **Racismo Ambiental e a distribuição racialmente desigual dos danos ambientais no Brasil**. Relatório PIBIC, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio\\_resumo2015/relatorios\\_pdf/ccs/DIR/DIR-Daniela\\_Almeida.pdf](https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2015/relatorios_pdf/ccs/DIR/DIR-Daniela_Almeida.pdf). Acesso em: 24 jul. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília: Senado Federal. 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.html](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html). Acesso em: 24 jul. 2024.

HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. *Revista InterfacEHS*, v. 2, n. 6, 2008. Disponível em: <https://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/art-2-2008-6.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

HERCULANO, Selene. Racismo ambiental: um desafio para a justiça ambiental. 2017. Disponível em: [https://www.professores.uff.br/seleneherculano/wp-content/uploads/sites/149/2017/09/Racismo\\_3\\_ambiental.pdf](https://www.professores.uff.br/seleneherculano/wp-content/uploads/sites/149/2017/09/Racismo_3_ambiental.pdf). Acesso em: 24 jul. 2024.

JESUS, Victor de. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um continuum colonial chamado Racismo Ambiental. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/5LRzfp3sP8kCDBhnJy6FkDH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2024.

NAVAS, Ana Luiza Gomes Pinto; *et al.* Divulgação científica como forma de compartilhar conhecimento. *CoDAS*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/JfNFfDWM4Qr3rkqmRWHCWLM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2024.

O que é racismo ambiental e de que forma impacta populações mais vulneráveis. **Governo Federal**, 03 de Jul. de 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contrafake/noticias/2024/o-que-e-racismo>

[-ambiental-e-de-que-forma-impacta-populacoes-mais-vulneraveis](#)>. Acesso em: 24 jul. 2024.

PACHECO, Tania; FAUSTINO, Cristiane. A Iniludível e Desumana Prevalência Do Racismo Ambiental Nos Conflitos Do Mapa. *In*: PACHECO, Tania *et al.*, **Injustiça Ambiental e Saúde No Brasil: O Mapa de Conflitos**. DGO-Digital original: Editora FIOCRUZ, 2013, p. 73–114.

POTT, Crisla Maciel; ESTRELA, Carina Costa. Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. **Estudos Avançados**. v. 31, n. 89, p. 271–83. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890021>. Acesso em: 29 Jul. 2024.

Racismo ambiental: as consequências da desigualdade socioambiental para as comunidades marginalizadas. **CEE Fiocruz**. 11 de maio de 2023. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=racismo-ambiental-as-consequencias-da-desigualdade-socioambiental-para-as-comunidades-marginalizadas>>. Acesso em 30 jul. 2024.

SCHONARDIE, Elenise Felzke. **Dano Ambiental: a omissão dos agentes públicos**. Ijuí: Unijuí, 2016.